VII ANNO — SEXTA-FEIRA, 11 D'OUTUBRO DE 1867 — N.º 696

O DISTRICTO DE AVEIRO

PREÇOS
ASSIGNATURA SEM ESTAMPILHA
Anno 3:200=Semestre 1:600=Trimestre 850 rs.
Cada numero avulso . . . . . 40 rs.

Publica-se regularmente ás terças e sextas-feiras de tarde.
Edição supplementar em dias indeterminados.
Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração — Rua Direita. — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador, estampilhada. — Os escriptos enviados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos. — As assignaturas são pagas adiantadas.

PREÇOS
ASSIGNATURA COM ESTAMPILHA
Anno 3:800=Semestre 1:900=Trimestre 1:000
Annuncios e correspondencias, por linha 20 rs

Politica interna

BOLETIM

Os jornaes ainda veem cheios de descripções da grande festa do dia 9, em que a patria solveu uma divida de perto de 3 seculos!

O jubilo de tão assignalado facto é justo, pois Portugal sem Camões viviria ignorado, como a perola no fundo dos mares.

Felicitemos-nos, pois, por nos caber o galhardo pagamento de tão importante débito.

Em politica apenas se falla de novo na attitude do nobre duque de Loulé, a respeito do que enviâmos os leitores para a correspondencia da capital onde endontrarão desenvolvida apreciação.

O sr. ministro das obras publicas, visitando parte da provincia da Beira, animou as povoações que precorreu com a promessa de que muito breve seria levado a effeito o caminho de ferro, que deve atravessar aquella região. Muito alegrou esta promessa aquelles povos, a quem a viação accelerada se figura uma condição indispensavel para o seu desenvolvimento, e que se julgam preteridos na distribuição dos melhoramentos publicos, ultimamente liberalisados ao paiz.

E' natural e louvavel este alvoroço. Não deve surprehender-nos que a viação accelerada seja tida pelos povos na conta em que a teem os homens da sciencia. Bom é que creiam nas grandes vantagens que hão de advir á sua provincia quando esse genero de viação fôr fecundar e estender as suas relações economicas. Se é illusão, é commum a todos os povos civilisados, que todos crêem os caminhos de ferro grandes agentes do progresso, e da civilisação.

Não deve tão pouco levar-se lhe a mal que vendo outras provincias gosarem já deste melhoramento, elles, que ainda o não gosam na sua, se julguem preteridos. Esta emulação é tambem natural Este sentimento é muito do coração humano para poder ser com justiça reprehendido.

Apoiamos pois os pedidos, as sollicitações, mesmo as exigencias que fazem os povos da Beira para que se lhes dê o seu quinhão neste festim dos melhoramentos materiaes a que chegamos tão tarde como nação, e que procurem que esse quinhão não seja talhado inferior em qualidade ao que outros já receberam.

O que não apoiamos, dizemol-o francamente, é a promessa do nobre ministro, e principalmente a ostentação d'ella. Revelará indole maldosa descortinar n'essa promessa segundas vistas? Talvez. Não podemos, porém, defender-nos pelo menos da suspeita dellas.

Póde acreditar-se que o nobre ministro tenha os mais sinceros desejos de realisar o projectado melhoramento. Não temos motivo para duvidar do seu patriotismo. Mas não acreditamos do mesmo modo que a esses desejos se reuna uma convicção de que elles se possam converter em factos, pelo menos em epocha tão proxima como s. ex.ª deixou entrever. E neste caso a promessa, peccando por menos sincera, desdiz do caracter probo do homem, e da elevada dignidade do ministro.

Ha de construir-se um caminho de ferro para a Beira? De certo que sim. Duvidar d'isso seria duvidar do progresso do paiz Mas póde coustruir-se já esse caminho de ferro, ou em muito breve espaço de tempo como foi a promessa do nobre ministro? Não póde, nem cremos que se construa.

Diremos sem rebuço as razões que temos para assim pensar. Os caminhos de ferro não se construem com palavras e promessas; demandam grandes recursos, custam sommas avultadas, e d'esses recursos, d'essas avultadas sommas não dispõe actualmente o paiz. Do orçamento do estado deduz-se que nem sequer temos para costear as despezas com que já nos achâmos a braços Onde pois ir buscar os meios para abrir novas obras de tamanho vulto como o caminho de ferro de que se trata?

Ao imposto? Ninguem cremos que n'isso pensa seriamente. Ainda ha pouco se levantaram brados clamorosos contra a elevação do imposto para solver o deficit — isto é para pagar o que já está dispendido, o que a honra e a necessidade nos impellem a pagar. Quem se atreveria a fallar em augmentos de contribuições para fazer caminhos de ferro! Temos a certeza que até os povos que hoje os requerem se insurgiriam contra o governo que em tal fallasse, como hoje se insurgem contra elle (e esses porventura ainda com menos razão) os que já estão gosando de identicos melhoramentos, quando se trata de occorrer ao pagamento do que elles custaram.

Ao credito? E' o ultimo e supremo recurso! «Ao credito porque não? O credito, dir-nos-hão os modernos economistas, é a bolsa do futuro. E' justo que o futuro pague os melhoramentos que lhe legamos. Abrimos á riqueza publica novas bêtas; nossos filhos que as hão de explorar em seu proveito que fiquem com os encargos que lhe são inherentes.«

Vamos Basta de exaggerar um principio verdadeiro até o transformar em um sophisma grosseiro. O credito será a bolça do futuro, mas bolça que tem fundo, e que nós não estamos auctorisados a esgotar em nosso proveito. Temos dito muitas vezes que é tempo de pôr termo a este expediente, de que sobejamente temos abusado. Bem sabemos o que outras nações teem conseguido pelo credito, e onde ellas teem levado o uso d'elle. Mas nós já lhes levamos a todas a dianteira. Não nos temos limitado a usar: temos abusado, repetimos. Um paiz que precisa de recorrer ao credito para saldar o seu orçamento, está em uma situação embaraçosa, e deve ter o maior cuidado em não a aggravar, e a maior diligencia em sair d'ella.

E além d'isso poderemos nós recorrer ainda a esse expediente sem penosos sacrificio? Pergunte-o o sr. ministro das obras publicas ao seu collega da fazenda. S. ex.ª sabe de certo as difficuldades com que se tem lutado para conseguir levantar os meios necessarios para solver o deficit do anno economico. Veremos d'aqui a pouco a que resultado se attingio depois de vencidas essas difficuldades. Não deve deixar de ser instructivo!

Nestas circumstancias e por estas rasões é que nós não levamos a bem que o sr. ministro das obras publicas, em lugar de applicar os seus creditos a applacar a impaciencia dos povos, as empregue em excital-a com promessas que de certo sabe não poder cumprir.

Não vivemos no tempo em que era moda e interesse adular os reis. De certo não nos repugnaria mais a baixeza de sentimentos, que para essa adulação era necessaria do que nos repugna esta especulação, pouco menos de sordida, que procura adular o povo. Temos visto alguns que fallam com despreso dos cortesãos da realesa, para se darem ares de democratas. Não se lembram elles que cahem no vicio que censuram, e que adulam tambem uma outra realesa, adulando as massas. Não se lembram de que a soberania residindo agora nestas, os seus incensos são tão despresiveis como os dos antigos cortesãos.

Sejamos francos. Diga-se em tudo a verdade a quem eu tudo se deve. Nada de hypocrisias, nem de lisonjas, que são sempre perigosas, mas sobretudo quando veem do alto. Não se occulte ao povo a verdadeira situação do paiz, para que elle saiba o que tem a esperar, nem se lhe corrompa o animo com fellaciosas promessas.

Ninguem aconselhou, que nos conste, os vendedores de lenha, e os marchantes para que não pagassem os impostos indevidamente cobrados pela camara. A referencia do *Campeão*, além de parvoinha, é inexacta. Mas se alguem o fizesse estava no seu direito. Todos estão no direito de impedir um roubo.

Que seja roubo a cobrança de impostos devidamente abolidos, ninguem o póde contestar. Logo que razão havia para censurar quem procurasse impedil-o? Se um gatuno quizer escamotear a bolça d'um transeunte, quem o perceber tem o dever de advertir o transeunte para que se acautelle do gatuno Ora n'este caso o gatuno (a palavra é lá da casa) era a camara.

Mas o *Campeão* sustenta que não estão ainda abolidos os impostos em questão. Diz elle que em quanto não houver novo orçamento vigoram os impostos approvados no orçamento anterior. Isto nem sequer é sophisma, é uma frioleira.

O tribunal de contas reprovou esses impostos, e mandou reformar o orçamento. Portanto ficaram desde logo abolidos, e a camara não póde nem deve mais cobral-os. Se o fizer, rouba os contribuintes.

No seu novo orçamento a camara está inhibida de incluir os impostos reprovados. E bem sabido é que nenhuma camara póde cobrar impostos que não estejam incluidos no respectivo orçamento. A que vem pois o orçamento anterior?

Como havia a camara de mencionar nas contas que tem de prestar a receita de impostos que lhe foram reprovados? Logo ou tinha de a restituir, ou de a sumir no bolso dos vereadores. Isto é evidente.

O *Campeão* não perde o sestro da provocação, sem se lembrar que todas as provocações tem uma resposta. Costomou-se a insultar sempre que pega na penna e já agora não perde o costume...

Pois sempre lhe diremos que os pechinchas, que só teem visto o povo para o esfolarem, são aquelles que nunca serviram emprego retribuido, que tem servido com honra *todos os logares para que os tem chamado*, que sahiram da camara tão ricos como para lá entraram, ao passo que os que não são pechinchas, nem esfolam o povo, andam famintos de pitanças, ainda não exerceram emprego de que não sahissem com manchas infamantes, e se serviram o municipio, justificaram em juizo antes de entrar que tinham recebido de esmola as velhas calças que vestiam, e depois appareceram proprietarios e grandes contribuintes.....

Procurámos discutir com o *Campeão* o procedimento da camara de Aveiro na questão da divisão territorial, avaliando os actos da vereação pelo prisma das verdadeiras conveniencias e pondo de parte qualquer vislumbre de resentimento que porventura nos podesse possuir julgando de pessoas que na sua vida publica, nos são desaffectas. Não fomos correspondidos.

O *Campeão* perdeu logo a placidez e urbanidade que a imprensa reclama e as boas práticas ensinam para envolver a questão no embroglio de contradicções e inconveniencias que lhe são usuaes e afugentar os contendedores com o tiroteio de insultos e nomes feios que só elle sabe manejar.

Não logrará desta vez o seu intento. Nem lhe responderemos a insultos nem o deixaremos na questão. Sigamos pois.

A camara de Aveiro consultou pedindo que as freguezias de Nariz e Palhaça do concelho de Oliveira do Bairro fossem encorporadas no concelho de Aveiro, e muito senhora de si vem-nos dizer que prestou grande serviço ao concelho, que sem este alargamento não podia subsistir sem graves sacrificios para os contribuintes.

Note-se primeiro que as freguezias pedidas tem ambas 455 fogos e que distam de Aveiro duas leguas de pessimo caminho para se julgar do tal *serviço* e da sinceridade da consulta da camara.

Diga-se tambem que, mesmo sem querer tocar no concelho d'Ilhavo, ha a freguezia de Angeja a legua e meia de Aveiro com bom caminho e a de S. João de Loure ainda mais perto.

Se Aveiro não póde ter vida municipal sem o alargamento da sua circumscripção não são as duas freguezias de Nariz e Palhaça que salvam as difficuldades. Se a camara reconheceu que o alargamento do municipio poupava a bolsa dos contribuintes é claro que não cumpriu com os seus deveres pedindo tão pouco podendo pedir mais sem mesmo offender os visinhos d'Ilhavo.

Isto é obvio e inquestionavel. Assente o principio da necessidade das grandes circumscripções municipaes a camara devia manejal-o em toda a sua extensão; não o fez, cometteu uma falta indisculpavel.

Depois da consulta disse o *Campeão* que a camara, reconhecendo os apuros do seu municipio se porventura ficasse com a area que actualmente tem, havia representado ao governo pedindo-lhe o alargamento do perimetro do concelho.

Esta representação pareceu-nos um acto serodio ou uma armadilha ridicula, e neste sentido arguimos a camara pedindo-lhe a publicação dos dois documentos, meio efficaz para restabelecer a verdade dos factos.

Não appareceram os documentos certamente por que n'elles *latet anguis in herva*, e em seu logar diz-nos o *Campeão*. «Fez bem a camara em respeitar a integridade dos concelhos visinhos que desejam subsistir. Deu assim publico testemunho de coherencia, e mostrou que não desejava que fossem annexados a esta circumscripção, povos que reagem contra a absorpção protestando manter o governo local.»

Depois desta declaração cessam as duvidas. A camara respeita a integridade dos concelhos que protestam manter o governo local, mas todos o fizeram logo ella na representação não pediu nada para o concelho de Aveiro.

Já era tempo de pôr termo a farças ridiculas. Fez-se uma cavalhada a Nariz e Palhaça levou-se-lhe lá em triumpho o procurador á junta e depois respeita se a integridade dos concelhos visinhos!

São assim os que não são Ambrosios nem Lamellas. *Y.*

Errar é coisa facil; presestir no erro quando elle repugna com as mais triviaes e obvios principios é uma teimosia impertinente ou desfaçatez sem egual.

A contribuição relativa ao districto de Aveiro foi o anno passado dividida pelos concelhos que o compõe em porporção do rendimento colectavel representado pelas matrizes, e o conselho de estado vendo a desegualdade que tal base occasionou determinou á junta geral que indemnisasse o concelho d'Agueda e que seguisse na divisão deste anno a população dos concelhos.

A junta geral regeitov o principio proposto e fez a divisão como no anno passado e o procurador o sr padre Goes votou por isto quando se votasse pela divisão segundo a população os povos do concelho de Aveiro ficariam pagando menos cerca de dois contos de réis.

Isto é claro, mas o *Campeão* finge ignoral-o embora para isso tenha de mostrar a mais alvar ignorancia.

«Se vigorasse este disparate a que o *Districto* se mostra muito dedicado, seguir-se-hia, que as familias mais numerosas pagariam mais de contribuição, sem se attender aos seus haveres, nem ao valor da sua industria.» Assim se expressa o muito *sabio* jornal da Vera Cruz!

Feita a divisão por concelhos, segue-se a divisão por contribuintes. Tomada a base da população para aquella, não se segue que seja a mesma para esta. As matrizes não representando o verdadeiro rendimento collectavel, não se prestam á divisão por concelhos; mas tendo o rendimento relativo de todos os predios do mesmo concelho, na mesma proporção, são optima base para a divisão no mesmo concelho.

De se adoptar a população para base da divisão por concelhos, não se segue que a propriedade seja aliviada. Isto é um absurdo de tal ordem, que não diz qualquer parvo. *Y.*

Folhetim

UMA, COMO HA ALGUMAS

Ao meu amigo, Manuel Baptista.

(Vem do número antecedente.)

III

Talvez v. ex.ª (deixem-me imaginar — que uma Senhora é a leitora) não sympathizasse com a *meditação*, conhecendo — e bem, a meu ver — que foi pouco nada meditada pela esbelta escriptora, que nenhum *sal* lhe lançou, para provocar a avidez. Com o devido respeito e acatamento, tomo licença para dizer duas palavras a *pro* da minha esbelta joven (*minha* — é modo de fallar) que, se é deficiente de graças intellectuaes, não o é das corporeas, que valem mais, na opinião de muitos e minha tambem, do que outras. Lucinda apenas sabe lêr, escrever, e alguma coisa de contar; porém não é assidua na leitura, porque os afazeres na casa de seu pae roubam-lhe o tempo quasi todo; de sorte que decorrem semanas, sem que ella pegue n'um livro. Sciencia infuza não admitto: portanto v. ex.ª (agora fallo com o leitor) tenha a bondade de dar um *passe* ao escripto da graciosa joven, por quem seria fascinado, se tivesse a dita de a contemplar de perto, como eu já tive.

— Ha de ser alguma belleza pariziense! — redarguirá o leitor, que não gosta de engulir pilulas. —

— Não sei se será belleza pariziense, por que nunca vi nenhuma, porém posso asseverar-lhe — que é encantadôra, mas mais encantadôra e linda, que a estatua, namorada por Pigmalião. Se v. ex.ª lhe observasse um baixar de seus olhos vivos e negros, e ao mesmo tempo um sorriso a brincar-lhe a flôr dos labios! Oh!...

— Ora adeus... adeus. Isso é mentir á moda. Vá proseguindo.

— Obedeço; que não quero que a minha narrativa seja provocadora de esgares reprovadores.

No dia subsequente áquella noite, que Lucinda se viu em *calças pardas*, por causa da furiosa porcella, foi logo de manhã tomar o seu banho no mar, e depois regressou para sua casa, aonde encontrou sobre uma meza uma carta, dirieida a ella.

Abriu-a anciosa, e leu-a. Dizia assim. « Lucinda. No dia 4 de setembro, « ausentaste-te d'aqui, sem nada me dize- « res. Não sei que mal eu te fizessse, para « obrares d'esse modo. Seria porventura « tão intensa a tua saudade, que não con- « sentisse dizeres-me = adeus = ? Seria; « porém o meu coração não se conforma « muito com essa ideia. És um tanto ex- « centrica e exquisita; mas eu não gosto « d'isso: sabendo tu a sincera amisade, « que nos prende, e fazendo como fizeste, « andaste mal, porém desculpo-te essa « falta.

« Quando te vi partir, reparei que « tu hias limpando os olhos com um lenço « branco; chorarias, por me deixares, e « não te despedires de mim? Não posso « decidir-me; todavia crê que eu se não « chorei, affligi-me muito, e desde logo « deliberei escrever-te. Diverte te, ri e « folga, e não te entregues á tristeza, que « pode exacerbar-te os padecimentos; e, « logo que possas, escreve-me, e narra- « me algumas novidades d'ahi.

« Esta carta pouco me precederá, « porque, talvez quando menos o julgues, « estarei comtigo. Adeus; e não te esque- « ças de mim. 7 de setembro de 186... A. — »

Finda a leitura a mãe perguntou a Lucinda — de quem era a carta; e ella respondeu-lhe — que era da sua amiga, Amalia.

IV

No dia seguinte, Lucinda, ás 8 horas da manhã, preparou-se e sahiu em companhia de sua mãe, para junto do mar. Logo ali appareceu o seu banheiro, que lhe disse — andar o mar crespo, fazendo as vagas amiudadas ressacas; e que por isso julgava razoavel esperar mais algum tempo, até que se tornasse bonançoso. Não obstante muitas pessoas *mettiam-se a elle*, preferindo *o dar beneficio*, rolando pela areia, á inutil demora ali.

Como nenhuma catastrophe, porém, se tinha dado, e eram já 11 horas, Lucinda disse ao seu banheiro — que queria, sem demora, tomar banho, porque a mais gente tambem tomava, e alem d'isto porque o mar não dava esperanças de acalmar.

Preparou-se portanto, chamou o banheiro e foi. Estava a esbelta joven banhando-se, quando vem uma mareta, que a tomba e juntamente o banheiro, que lhe larga o braço.

Em seguida ha uma ressaca, e Lucinda é arrebatada para dentro do mar, em quanto o banheiro distante pertende ir segural-a, porém é debalde. De repente um joven desconhecido atira-se ao mar, e, depois de uma longa lucta com as ondas, consegue agarrar por um braço a joven, quasi sem vida, que arrasta para fóra. O joven cançado arquejava; o que me parece era motivado mais pela lembrança de que Lucinda não reviveria, do que pelo trabalho, que tivera, vendo abertas as fauces do abysmo, prestes a devoral-os ambos.

Apenas a joven, como morta, saiu para a praia — logo por um medico, que ali estava, lhe foram ministrados os curativos do costume; e passado algum tempo a infeliz volveu a si.

Apenas abriu os olhos, olhou em roda, como procurando o seu salvador, para lhe agradecer, subito despede um grito, e fica immovel, qual marmorea estatua. E' que o joven jazia estirado na areia, sem ar de vida.

— Quem era o joven, salvador de Lucinda? — perguntará agora o leitor impaciente por saber quem é. —

— Era *aquella Amalia*, de quem ella recebêra a carta, que se viu.

(*Continúa.*) J.

CIRCULAR

A todas as pessoas e corporações que por qualquer modo concorreram para se effeituar a ideia de erigir um monumento a

LUIZ DE CAMÕES

Havia nos fastos commemorativos do paiz uma lacuna que ia passando a vergonha. Remiu-se esta emfim. Está paga a divida nacional ao principe dos épicos portuguezes.

A commissão que a si tomou o promover a realisação de tal pensamento, em vesperas de encerrar os seus trabalhos e dar por findo o seu cargo, cumpre o derradeiro e mais grato dever agradecendo em geral e em particular, a todos e a cada um dos que neste patriotico empenho por diversas fórmas cooperáram, o subsidio valioso e adjutorio prestantissimo, cujo resultado é hoje apreciado e visivel.

Arduos e longos são sempre taes commettimentos, como o louvor difficil de que dependem. Caminha mais o desejo que a possibilidade. A impaciencia irrita-se com as forçadas delongas. Não poucas vezes nasce da impaciencia a incredulidade, e da incredulidade o esmorecimento.

Tal não aconteceu porem no caso presente. Houve contratempos graves: venceu-os a boa vontade commum. O merito, se o ha, cabe aos que não perderam a fè nem afrouxaram no auxilio. A obra, eil-a por fim rematada e completa.

Seria esse o mais efficaz testemunho ao concurso prestado!

Sel-o-hia com effeito, e bastaria, se aqui unicamente se tractara do sentimento individual dos senhores subscriptores e quaesquer concorrentes para tão apetecido desempenho. Tocou-se o alvo; ficaram satisfeitos os votos.

Ha porem mais nesta perenne commemoração dos vultos dominantes d'um povo — dos que entre elle sobresahem, padrões indicadores a balisarem-lhe o caminho, pharoes salutares a allumiarem-lhe a derrota. Os monumentos, que em honra d'estes se levantam, representam o culto das grandes ideas symbolisadas nos altos caracteres, sem os quaes não ha tradicção gloriosa.

A imagem recorda o homem; o homem recorda os feitos. Assim se persuade a imitação; assim incita á sequencia o estimulo; assim se faz emulação o exemplo. Estas remunerações explendidas, embora tardias, convidam e atrahem ao holocausto e abnegação os altos espiritos desprendidos, que são os que servem o futuro, porque mais nelle trazem os olhos do que em si.

Desta forma tambem se collige e engrandece o nobiliario popular, se melhora e exalça o nivel moral d'um Estado. No numero e valia das effigies que vota á fama e ao tempo está o cunho dos seus progressos.

Mal será estimado quem se desestimar. O menosprezo da propria nobreza justificará o alheio desdem. Os que, pelo contrario, souberem attender, e acatar, e recolher, e reverenciar o que por ser justamente memoravel serve de legitimo brazão, grangearão as considerações que merece quem conserva o respeito das qualidades magnanimas e das cousas augustas.

Luiz de Camões não é só o poeta eminente laureado pela admiração dos seculos. Sob este aspecto já a imprensa, perpetuando-lhe o poema, lhe dera immorredouro monumento, — o que não perece por que se renova, — o que nem o tempo altera nem a distancia esconde porque é immortal como o espirito, e como elle se diffunde e transmitte, de terra em terra, de lingua em lingua, percorrendo o mundo. Luiz de Camões é mais do que um cantor; é como um sacerdote. Pertence ao pequeno e selecto numero dos Levitas do Tabernaculo, que levam aos hombros a Arca Santa da patria. Sejam quaes forem os demais seus meritos, este o avantajou aos olhos das gerações passadas, este o recommenda ás gerações futuras. Cinzelando para a posteridade com mão esmerada e potente as glorias fundamentaes da nação, não só lhe conquistou honrado logar no concilio e no conceito dos povos cultos, mas lavrou em caracteres indeleveis a confirmação de independente e livre ao pequeno territorio, que juntara ao esforço de tanto ousar o engenho de o celebrar assim!

Nos Lusiadas está effectivamente a melhor Carta da nossa autonomia. Que mais amplo e auctorisado Foral?

O monumento erigido a Luiz de Camões, ao cabo de tão largo periodo de esquecimento, é pois como ára sagrada á patria para resgate de antiga culpa. Todos os que levaram uma pedra ao laborioso edificio participam na sua meritoria conclusão.

Este o titulo maior á gratidão publica e á nossa!

Não já pois em nome da memoria do poeta, senão em nome das glorias do paiz, a todos sem excepção—aos elevados personagens que figuram na frente das listas, aos altos poderes constituidos, ás benemeritas corporações, aos dignos funccionarios, aos zelosos cidadãos, aos illustres subscriptores nacionaes e estrangeiros — reitera a expressão do seu reconhecimento a commissão que viu favoravelmente acolhidas as suas sollicitações, e vê emfim tão bem coroadas as suas diligencias!

Lisboa, 8 de outubro de 1867.

Duque de Saldanha — presidente
F. de Paula Santiago — vice-presid.º
J. Pedro de Sousa — secretario
Luiz Tiburcio Ferreira — vice-secr.º
Carlos Krus — thesoureiro
Abbade de Castro
Antonio Feliciano de Castilho
A. José Pereira Serzedello Junior
Antonio da Silva Tulio
Conde de Farrobo
Conde de Thomar
Francisco Lourenço da Fonseca
José Maria Eugenio d'Almeida
José Pedro Collares Junior
José da Silva Mendes Leal.
Luiz d'Almeida e Albuquerque
Marquez de Sousa Holstein
D. Pedro da C. de Sousa Macedo
Visconde de Condeixa
Visconde de Menezes
Visconde de Porto Covo
Visconde de Valmor.

Damos hoje a conclusão da lei para a cobrança e fiscalisação do IMPOSTO DO SELLO.

(*Continuação da tabella n.º* 3)

CLASSE V

Diversos papeis

1 Sentença de adjudicação, cartas de arrematação ou de posse, cada meia folha.... $060
2 Procurações bastantes e documentos que se juntam aos processos..... $500
3 Procuração de geral administração..... $500
4 Escripturas de contractos com o governo, comprehendendo as lavradas nos livros das notas dos tabelliães, cada meia folha..... $120
5 Escriptura constitutiva de sociedade anonyma, sendo o capital até 50:000$000 rs. 10$000
De mais de 50:000$000 até 100:000$000 réis... 20$000
De mais de 100:000$000 até 4 000:000$000 réis, por cada 1:000$000 rs. $050
Sendo o capital emittido por series, a taxa será calculada em relação a cada serie.
A resolução que preceder a emissão de qualquer serie, excepto a primeira de que fizer menção o contracto social, para ter validade será transcripto no registo publico do commercio conjunctamente com o documento comprovativo do pagamento do competente sello, sem o que a referida transcripção se não fará.
6 Escriptura de casamento e dote, quando se não fizer menção de valores ou quando não forem superiores a 5:000$000 réis exclusivè. 2$000
Quando se estipular dote de valor conhecido de 5:000$ réis até 10:000$000 réis exclusivè..... 5$000
De 10:000$000 réis para cima..... 1$000
N. B. Nestas escripturas se comprehendem as de dote constituido nos proprios bens da dotada
7 Arrendamentos feitos, quer por escriptura publica, quer por escripto particular, até 100$000 réis exclusivè, por anno, cada meia folha.... $060
De 100$000 réis inclusivè, até 200$000 réis exclusivè, por anno, cada meia folha.... $100
De 200$000 réis inclusivè até 300$000 réis exclusivè, por anno, cada meia folha.... $200
E assim para diante progressivamente como nos recibos, isto é, augmentando 100 réis em cada meia folha, por cada 100$000 réis a mais.
Se o arrendamento for por dois ou mais annos, a taxa será multiplicada por esse numero de annos.
Se o arrendamsnto for por menos de anno, a taxa será a mesma que para o anno, excepto se a importancia do aarrendamento, for menor de 100$000 réis, sendo n'esse caso a taxa de 10 réis por cada mez.
Nos arrendamentos em que não se designar praso, e segundo o uso da terra forem por menos de um anno, pagar-se-ha o sello correspondente a um anno, e no caso de serem prorogados por mais de um anno, repetir-se-ha o sêllo por cada anno que forem vigorando. Este sêllo será satisfeito por meio de estampilhas colladas nos mesmos arrendamentos, e inutilisadas pelo inquilino ou rendeiro estabelecido no artigo 37.º
Nos arrendamentos ruraes a generos será calculado o seu valor pelas tarifas camararias ou pelos preços medios dos generos no ultimo anno, no mercado da localidade.
8 Requerimento, cada meia folha..... $060
9 Alvará de habilitação politica, cada meia folha..... $020

Tabella n.º 4

São isentos do imposto do sêllo

1 As dispensas de pregões nos casamentos de consciencia.
2 As notas dos bancos a que por lei se tenha concedido ou conceda esta isenção.
3 Os alvarás de emancipação ou de supplemento de idade, provando os requerentes, com certidão jurada do seu parocho, serem pobres.
4 Os diplomas das pensões contempladas no decreto de 18 de outubro de 1836 e na lei de 4 de junho de 1859.
5 Os livros de receita e despeza e de termos de deliberações ou eleições de misericordias, hospitaes e estabelecimentos de beneficencia.
6 Os diplomas de approvação e confirmação de estatutos das sociedades ou estabelecimentos de piedade, instrucção ou beneficencia e dos montes pios, comprehendendo-se nesta isenção:
Os recibos das quotisações periodicas e das joias dos seus socios;
Os das quantias recebidas pelos seus pensionistas;
Os das transacções de suas caixas economicas;
Os das suas transacções por emprestimos sobre penhores.
7 As portarias de simples communicação das mercês lucrativas ou honorificas, pelas quaes se hajam de passar diplomas de assignatura real.
8 Os bilhetes de residencia passados a pobres.
9 Os recibos de simples deposito de dinheiro nas caixas economicas, e os que se passarem nos armazens do generos em guarda ou deposito.
10 Recibos passados nas guias do transito ou a bordo dos navios pela entrega de carga, ou pelo comprador por conta de alguma partida comprada até estar completa a entrega.
11 Os livros de deposito, cheques ao portador e recibos de bancos approvados por lei.
12 Os recibos passados nas letras, nos escriptos commerciaes e nos vales de correio, já sellados.
13 As letras sacadas em paizes estrangeiros sobre praças estrangeiras, quando simplesmente se negociarem em alguma parte da monarchia portugueza.
14 Os diplomas de aforamento de bens municipaes.
15 Os recibos, contas e documentos de gerencia e administração das camaras municipaes.
16 Os recibos e contas dos estabelecimentos de beneficencia e piedade.
17 Os recibos de imprensa litteraria e politica
18 Os estatutos das sociedades litterarias, artisticas e das associações operarias.
19 As ordens que se expedirem ex-officio pelas auctoridades publicas.
20 As representações ou requisições de quaesquer auctoridades individuaes ou collectivas sobre objectos de interesse publico.
21 Requerimentos de particulares, pedindo a restituição de documentos juntos a requerimentos que tenham sido indefferidos.
22 Os titulos de credito, creados e emittidos pelo governo, ainda que tenham a natureza de letra ou nota promissoria.
23 Os processos em que o ministerio publico ou a fazenda nacional for parte; porém se o réu fôr a final condemnado, pagará o sêllo de todo o processo, excepto se for livramento de algum preso pobre, devendo neste caso verificar-se a impossibilidade de pagar o sello por attestação jurada do administrador do concelho e do parocho respectivo.
24 Os diplomas de nomeação dos professores de instrucção primaria.
25 As cartas de jogar nacionaes que se exportarem para paizes estrangeiros.
26 Os documentos de dividendos das companhias ou associações mercantis.
27 As listas de leilões.
28 As cartas de approvação das parteiras.
29 Os contractos com quaesquer corporações para a formação de contos e tapadas em terrenos onde existem pastos communs.
30 Os processos eleitoraes.
31 Os processos de legados pios, salvo havendo a final parte condemnada, que pagará então o respectivo sello.
32 Os processos sobre recrutamento tanto para o exercito como para a armada.
33 Os papeis de que se servir o banco união do Porto, durante o tempo que os bancos já estabelecidos no reino, por disposições legislativas anteriores, ainda tenham direito a gosar de igual isenção.
34 Quaesquer outros diplomas, documentos ou papeis isentos expressamente do imposto do sêllo por leis especiaes.

Paço, em 4 de setembro de 1867. — Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello.

MODELO

Districto de———Mez de———de 186—

Tabella da cobrança proveniente das estampilhas vendidas neste districto no dito mez.

1000 Estamp.as do sêllo de 10 rs.	10$000
1500 Ditas do dito de 20 réis..	30$000
1600 Ditas do dito de 30 réis..	48$000
200 Ditas do dito de 40 réis..	8$000
850 Ditas do dito de 50 réis..	42$000
2000 Ditas do dito de 60 réis..	120$000
101 Ditas do dito de 200 réis.	20$000
56 Ditas do dito de 300 réis.	16$000
20 Ditas do dito de 1$000 rs.	20$000
	315$200

Somma a quantia de trezentos e quinze mil e duzentos réis, que foram incluidos nas respectivas tabellas enviadas á direcção geral da contabilidade do thesouro publico, na data de hoje.

Repartição de fazenda do districto de ——— de ———de 1866—

O delegado do thesouro.

Chronica agricola

Lisboa, 25 de setembro

E assim o Alemtejo e o Ribatejo, por onde corre mais este sestruoso vezo, que se dizem o celleiro do paiz na producção de trigo se vae bem temperado o anno alcançam apenas uma boa funda dez a doze hectolitros por hectare, e pouco mais tiram que a semente em annos de tempo avessio; —emquanto que a França e principalmente a Inglaterra, nas suas lavouras profundas e bem estrumadas obteem no primeiro caso, ordinariamente, para cima de vinte hectolitros por hectare, e no segundo raro descem de dez a doze hectolitros, que são a nossa boa producção.

A agricultura cerealifera alemtejana, com pena o dizemos, tem ainda muito de primitiva, e, com maior pena dizemos ainda, não lhe falta razão de ser, para assim ser.

Muita terra, mas poucos braços e pouco capital.

Desulpe-nos o leitor, mas a proposito da agricultura alemtejana, acodenos o desejo de transcrever aqui, uns apontamentos, que tomamos por occasião da inspecção hippica a que o anno passado procedemos nesta provincia.

Ahi vão taes quaes constam do canhenho em que os lançámos:

«Ha tres typos de lavoura no Alemtejo: 1.º — lavoura das terras chamadas «ferrejaes»; 2.º — lavoura nas terras de folha; 3.º — lavoura de roça e limpeza de mattos, que infestam as terras de pastagem e os montados.

«Ferrejaes» se dizem, as terras que demoram nos afumados das povoações, ou na immediação dos montes das herdades — as quaes terras por mais limpas, mais bem fabricadas, e levando já algum estrume de estabulo, possuem por isso maior fertilidade, e representam ou teem pretensões de representar a agricultura intensiva do Alemtejo; porque são todos ou quasi todos os annos fabricadas e semeadas, alternando como semeada principal ou cereal praganoso (o trigo, cevada ou aveia) com as favas ou outra leguminosa (grão de bico ordinariamente), e ás vezes com um *alqueive morto* ou em *preto*, como se diz em Beja, quando as terras andam mais puxadas ou menos abonadas de estrume. — O alqueive em preto é um anno de folga em que as terras levam dois a trez ferros para se pulverisarem, e estrumarem pela influencia atmospherica, e crearem assim melhor disposição para receber e fructificar n'ellas vantajosamente a semeada do cereal que segue ao dito alqueive.

Nas terras ferrejaes, apparece uma vez por outra com cultura intercalar ou de resteva uma ferrã de cevada, de centeio ou aveia; que depois, cortada em verde até fins de janeiro ou fevereiro, deixa logar para uma semeada de trigo serodio (tremez) ou para legumes (grão de bico, feijão ou lentilhas) que figura então a cultura principal do anno.

A lavoura das terras chamadas *de folha* é a seguinte:

1.º *Folha de alqueive*, em que a terra é rasgada (arranhada) por um ferro nos fins do outono, a *abrir*, outro em março a *cruzar* ou *deslavrar*, e por fim o ferro de sementeira no outono que se segue. Este alqueive ou fica de todo em *preto*, ou se lhe lança no 2.º ferro algum grão de bico ou lentilhas; e fica então alqueive *cheio* ou *afructado*.

2.º *Folha de serviço*, é a que no anno antecedente foi alqueivada e agora é fabricada e semeada de cereal, trigo ou cevada, se as terras são de corpo para o dar; ou de centeio ou aveia se são terras fraqueiras e arenosas.

3.º *Folha de relva*, é a folha que foi de serviço, e que agora se semeia, pelo geral a cabello ou em eru, ainda de algum cereal, para aproveitar os restos do beneficio das lavouras antecedentes; e se dispõe o terreno a *enrelvar* de espontaneo bamburral.

4.º *Folha de pousio*, fica a terra de pousio para pastagem, dois, trez ou mais annos, depois dos quaes volta outra vez á folha do alqueive e seguintes na ordem que se deixou indicada.

A lavoura de *roça e limpeza* de mattos que infestam as terras de pastagem e os montados — essa consiste em deitar fogo nas terras descobertas ás estêvas, piornos e tojos; depois, assim cheia a terra das cinzas que ficam, arranhal-a com um arado para lhe deitar trigo, aveia ou centeio, conforme a terra é forte ou centeieira — resultando d'este serviço, que vem por vezes searas de bom rendimento, pela fertilisação do fogo e das cinzas, e depois mais desafogado bamburral para pastagem, que assim continúa até se encher outra vez do matto que rebenta das raizes que ficaram intactas ao dente do arado.

Nas terras cobertas de arvoredo, nos montados, é de muito risco para estes, deitar queimada ao mato; e por isso, usa-se roçar ao enxadão e fazer *morêas* ou *borralheiras* espalhando as cinzas que ahi se produzem pela terra que se arranha ao arado para receber a semeada.

Esta folha de limpeza faz se ás vezes com intervallos de dez e quinze annos.

Eis ahi ficam os typos de lavoura do Alemtejo, os trez ultimos dos quaes teem a sua razão de ser nas vastas extensões das herdades, nos largos latifundios que ahi dominam, que trazem como consequencia a escassa cultura das terras pela falta de população rural, activa e laboriosa, que só se nota nas regiões de pequena e mediana propriedade.

Converter as *terras de ferrejaes*, mais proximas das povoações em hortas e pomares; — as *terras de folha* em ferrejaes; — e as *de limpeza* em terras de folha, deve ser este o escopo progressivo a que mire a lavoura alemtejana. Mas para isto se ir conseguindo é mister attrair o excesso da população das provincias do norte do reino para o Alemtejo, por via de colonisação, dividindo uma que outra herdade em aforamentos para constituir centros de população, d'onde irradiem os braços para o trabalho agricola das terras visinhas, que ora se deixam incultas por falta d'elles.

A villa de Reguengos, no Alemtejo, era um antigo reguengo, uma grande herdade da casa de Bragança. Dividiu se e aforou-se esta herdade, e saiu d'ahi uma das bellas villas do Alemtejo, um centro de população, que traz em cultura hoje muitas terras d'antes incultas.

Podia-se, pelo mesmo systema, fazer no Alemtejo muitas villas similhantes ás de Reguengos.

O sr. José Maria dos Santos, nas areias um pouco ingratas das charnecas do Pinhal Novo, vae tambem já creando por colonisação, uma importante povoação, e d'ella — tira hoje grande parte dos braços que emprega na laboração das propriedades que lhe pertencem e avisinham a este povoação, — propriedades que andavam antes mal grangeadas pela falta de gente para trabalho.

Mais iam para diante as considerações apontadas no nosso canhenho, que chegaram a topar com o sr. José Maria Eugenio de Almeida, um dos maiores *latifundistas* do Alemtejo—dissertando quanto a bem do interesse publico e beneficio seu proprio conviria que elle se constituisse o primeiro colonisador e povoador d'esta ermada provincia.

Será voz, esta nossa, clamando no deserto? — Talvez. E ainda mal; — mas então vamos lembrando sempre a sentença de Plinio:

Latifundia perdidere Italian, jan vero et provincias.

(*A. Rural.*) S. B. LIMA.

Exterior

O goveno russo continúa desenvolvendo grande actividade na construcção das diversas linhas ferreas destinadas a unir os affastados pontos d'este vasto imperio, principalmente sob o ponto de vista estrategico. Dentro em pouco se abrirá ao

publico o caminho entre Varsovia e Terespol. Esta via, que percorre uma distancia de 192 *verstes*, prolongar-se-ha depois até ás provincias meridionaes. Por ora porá em communicação directa Varsovia com a importante fortaleza de Brzecs.

— O «Monitor Prussiano» publica uma lista de condecorações conferidas aos generaes italianos Cugia e De Lonnaz, ao coronel Jucisa e a muitos outros ajudantes de campo do principe Humberto.

— Um jornal austriaco diz que Juarez não consente em entregar o corpo do imperador Maximiliano directamente ao almirante Tegetoff, e que o entregará ao governo dos Estados-Unidos.

— Lê-se na «Reforma», jornal hespanhol:

«Sabemos que os distinctos corpos do exercito vão em corporação protestar contra algumas phrases do manifesto de Prim.

Por este motivo esperam-se em Madrid as exposições correspondentes.»

— O estado-maior prussiano acaba de publicar a primeira caderneta d'uma obra sobre a guerra de 1866, que se diz inspirada pelo general Moltke.

— Com referencia á questão de Italia o «Moniteur» da tarde de 3 do corrente publica o seguinte:

«A opinião publica na Italia approva energicamente as medidas adoptadas ácerca de um partido que affecta não se importar nem com o rei nem com o parlamento, nem com os deveres internacionaes. Alguns agrupamentos se formaram em Florença, mas foram facilmente di-persos, e o governo, sustentando pela consciencia do seu direito, poude dar uma prova da sua independencia.»

«A «Gazette official» do reino não hesita em o declarar, a convenção de 15 de setembro deve ser lealmente executada sem reservas; não será permittido a ninguem pôr-se acima das leis e pretender dispôr da sorte da nação segundo o capricho das paixões anarchicas. O governo italiano ordenou, até nova ordem, a manutenção das medidas de precaução estabelecidas sobre as fronteiras pontificias.

«Nenhum signal de desordem ou descontentamento appareceu nos estados romanos. A' aproximação dos bandos revolucionarios as tropas mostraram-se decididas a fazer o seu dever, e o socego das povoações contrastou de uma maneira admiravel com as excitações vindas de fóra.

«O sr. Armand, encarregado dos negocios de França, em Roma, acaba de trocar com o cardeal Antonelli as ratificações do tratado do commercio concluido entre o governo do imperador e a santa sé. Este tratado não constitue uma simples mudança de tarifas. E' uma refórma economica que associa os estados pontificios aos principios da liberdade commercial inaugurados em 1860 pela França e pela Inglaterra, e destinados a ser na Europa, assim como no novo mundo a regra geral dos tratados e trocas internacionaes. Já a santa sé tinha dado a sua adhesão á convenção monetaria existente entre a França, a Belgica, a Suissa e a Italia e não póde deixar de felicitar a côrte de Roma por entrar assim na via dos melhoramentos praticos.»

— Dizem algumas cartas vindas de Paris, que Napoleão está resolvido a accetar a guerra por causa das questões do Oriente e da Allemanha. A França combaterá contra a Allemanha e Russia apoiando-se na alliança com a Austria, a Italia, e as nações scandinavas.

Affirma tambem a «Epocha», jornal que se diz bem informado, que se propoz um congresso europeu; — que a Austria acceitou a ideia; — que a Russia provavelmente acceita; — que a Inglaterra está estudando a proposta; e a Prussia parece resoluida a regeitar.

— A «Opinione», jornal de Ratazzi, traz um artigo, no qual affirma que a Italia terá brevemente Roma sem perigo, em consequencia de novas allianças, e das modificações que a Europa vae soffrer.

Tem-se dado grandissima importancia ao dito artigo.

— Os fundos desceram na bolsa de Pariz.

Pariz, 7. — Lord Raget foi nomeado ministro de Inglaterra junto ao gabinete de Washington. Está definitivamente fixado para o dia 22 do corrente o casamento do rei da Grecia com a princeza Olga.

Roma, 7. — Quinhentos garibaldinos que se haviam apoderado de Bagnozea foram expulsos pelos zuavos pontificios, depois de um combate de duas horas, em que ficaram mortos setenta garibaldinos e houve cento e dez prisioneiros: alguns zuavos ficaram feridos.

Variedades

Proverbios turcos

Aonde se afundaram navios, que vens tu fazer com a tua fragil barca?

Senta-te de travez, se queres, mas falla direito.

Se te apresentares com as mãos vazias, hão de dizer-te: — O *effendi* dorme.

— Se vieres com um presente, hão de dizer-te: — O *effendi* manda te entrar.

E' degrau por degrau que se chega ao topo da escada.

O asno ferido, queixa-se sempre.

Depois que te roubaram o cavallo é que fechas a cavallariça?

A influencia d'um mau visinho faz-se sentir até ao ultimo bairro da cidade.

A lampada não allumia a base.

Quem come pouco aproveita; quem come muito definha-se.

Depois que o leão está morto, não faltam bravos a arrancar-lhe a juba.

Pensa no que queres dizer, e falla depois.

Dois patrões fazem soçobrar o barco.

Dois bailarinos não dançam na mesma corda.

O mal alcança o que o faz.

Quem procura um amigo sem defeitos, fica sem amigo.

Não é vivendo muito tempo, mas vendo, que se aprende alguma cousa.

Não é dizendo *mel, mel*, que a doçura vem á bocca.

Ouve mil vezes, e falla só uma.

O cão ladra, mas a caravana passa.

Muitas vezes lança-se a gente no fogo para evitar o fumo.

Não repares na brancura do turbante; o sabão ás vezes tem sido tomado a credito.

Se tudo o que desejamos fosse realisavel, cada mentiga seria um pachá.

Mede-te com a tua medida.

Servir um principe novo, e almofaçar um cavallo fogoso, são duas coisas muito difficeis.

Quaes são os mais bonitos passaros? perguntaram á gralha. — São os meus filhos, respondeu ella.

Não se vende o peixe que ainda está no mar.

E' hoje dia de jejum, diz o gato, vendo iguaria a que não póde chegar.

Póde ser que errasse, mas eu devo-lhe perdoar.

Nunca procures abater o homem desgraçado, porque lá vem um dia em que Deus o levanta.

O fim ordinario da raposa é na loja do pelleiro.

Se não temos riqueza, tenhamos honra.

Não passes pela ponte do mau, prefere antes que a torrente te leve comsigo.

O sangue não se lava com sangue, mas sim com agua.

Quem foge do fingimento, approxima-se da divindade.

Antes de entrar, pensae na sahida.

Acolhe o pobre com bondade, ainda mesmo que seja infiel.

Ha uma hora para cada negocio.

Uma hora de justiça vale mais do que setenta annos de supplicas.

Uma promessa é uma divida.

O pobre sem paciencia é como uma lampada sem azeite.

Um beneficio deve ser perfeito.

Todo o segredo que passa de dois torna-se commum.

Um sabio na sua terra é como o ouro na sua mina.

Quem vos dá informações a respeito de outro, dá a outro informações a vosso respeito.

O ignorante é inimigo de si proprio, como ha de elle ser amigo d'outro?

Um homem que tem experiencia, augmenta o seu saber; o que a não tem augmenta os seus erros.

A lingua d'um mudo vale mais que a d'um mentiroso.

Um sabio sem obras é uma nuvem sem chuva.

Um rico sem generosidade é uma arvore sem fructo.

Um rei sem justiça é um rio sem agua.

Não ha homem sem pesares; se existe algum, não é um homem.

Ballada dos mortos

Dyring foi para uma ilha e casou com uma linda joven.

Viveu com ella sete annos, e tornou-se pae de seis filhos.

Mas passou a morte por aquelle sitio, e o bello lyrio sem mancha sucumbiu.

Dyring foi para outra ilha e escolheu uma nova esposa.

Terminado o casamento, levou-a para a sua morada.

Infelizmente a joven era muito má.

Entra e vê as crianças desconsoladas que a olham, que choram, e repelle-as asperamente.

Não lhes dá nem cerveja nem pão, e diz-lhes: Haveis de ter fome e sede.

Tira-lhes as almofadas azues, e diz-lhes: Dormireis na palha.

Tira-lhes os cirios resplandecentes, e diz-lhes: Ficareis sem luz.

A'noite as crianças choravam.

A mãe ouviu-as do seu jazigo de terra; ouviu-as na sua fria mortalha, e resolveu tornar para junto d'ellas.

Dirigiu-se ao Senhor, e disse-lhe: Permitti que eu torne a ir ver meus filhos.

Pediu muito tempo até que por fim foi-lhe permitido que voltasse á terra, mas com a condição, ainda assim, que havia de regressar antes do canto do gallo.

Levantou as pernas fatigadas, e transpoz o muro do cemiterio.

Quando chegou ao povoado, os cães principiaram a uivar.

Quando chegou á sua habitação, encontrou a filha mais velha á porta:

— Que fazes aqui, minha querida filha, lhe disse ella, e onde estão os teus irmãos e as tuas irmãs?

— Tu não és minha mãe, respondeu a criança. Minha mãe era bella e nova, minha mãe tinha as faces brancas e rosadas; tu és palida como se fôras morta.

— Como heide eu ser bella e nova? estive no imperio da morte e o meu rosto fez-se pallido. Como hei de eu ser branca e rosada? estive tanto tempo morta!

Entra no quarto dos filhos e encontra-os a chorar.

Enxuga as lagrimas do primeiro, entrança os cabellos do segundo, consola o terceiro e o quarto, e toma o quinto nos braços como para o amamentar.

Depois diz á filha mais velha:

— Vai dizer a Dyring que venha aqui.

E quando Dyring entrou no quarto, exclamou cheia de colera:

— Eu tinha deixado aqui cerveja e pão, e meus filhos teem fome.

Eu tinha deixado almofadas azues, e meus filhos dormem na palha.

Eu tinha deixado cirios resplandecentes, e meus filhos estão sem luz.

Se eu tiver de voltar aqui, desgraça tem de succeder.

Agora canta o gallo vermelho; todos os mortos tornam para os seus jazigos.

Agora canta o gallo preto; abrem-se as portas do céu.

Agora canta o gallo branco, não posso ficar mais tempo.

Desde aquelle dia, logo que Dyring e sua mulher ouviam ladrar os cães, davam ás crianças cerveja e pão, e de cada vez que ouviam os cães uivar, tinham mêdo de vêr reapparecer a morta!

Noticiario

Varias noticias. — No dia 24 do corrente deve abrir-se a exposição de bellas artes em Portugal. Tambem neste mez se deve abrir a exposição archeologica do Porto.

— Vendem-se em Lisboa lenços de bretanha de linho com a memoria de Camões estampada a fumo.

— Alguns jornaes da capital dedicaram artigos e poesias á memoria do cantor de Vasco da Gama, distinguindo-se o «Diario de Noticias», que entre outras dos principaes poetas, inseriu uma excellente do sr. Mendes Leal.

— O sr. A. F. de Campos, que escrevia de Lisboa para quinze jornaes de provincia, escreve agora unicamente para trez.

— Nos jornaes apenas se nota grande bulha por causa do tal fanfarrão F. Guimarães, que está sendo o bode expiatorio da pasmaceira politica, que vamos atravessando.

Causa riso a guisalhada dos saltimbancos, fazendo esgares uns aos outros!

— O proprietario da casa onde morreu Luiz de Camões, vae mandar collocar na frente da mesma casa uma lapide commemorativa com a seguinte inscripção:

NESTA CASA
SEGUNDO A TRADIÇAO
DOCUMENTAL
FALLECEU EM 10 DE JUNHO
DE 1588
LUIZ DE CAMÕES

O ACTUAL PROPRIETARIO
MANUEL JOSÉ CORREIA
MANDOU PÔR ESTA LAPIDE
EM 1867.

As lettras são gravadas em pedra lioz, betumadas de pedra.

Sobre a pedra que fica á face das umbreiras das janellas ha de assentar uma moldura de ferro, pintada de preto, que será chumbada nas mesmas umbreiras para fazer destacar a lapide.

E' um nobre rasgo de patriotismo do actual proprietario daquella casa.

— Está em Lisboa sua alteza imperial o principe Nicolau Maximilianowitch, principe de Romanowski, duque de Luchtemberg, e sobrinho de S. M. I. a senhora duqueza de Bragança.

Disse ao que veio! — Diz um periodico do Mexico que na povoação de Milpa-Alta, situada a dez leguas da capital, vive a sr.ª D. Angela Alvarado, mãe de numerosa familia.

Esta senhora nasceu em 1765, tendo por conseguinte hoje 102 annos.

Nesta idade conserva ainda todos os dentes, e acha-se forte e vigorosa; anda sem apoio, e conserva-se em posição recta.

Foi uma só vez casada, na idade de 15 annos, e teve d'esse matrimonio 18 filhos, contando hoje o mais velho d'elles 86 annos, os seus primeiros filhos d'elles 83, dos quaes resultaram 332; e d'estes casaram 5, e tem 7 de familia; um d'estes ultimos casou-se, e tem um filho.

De modo que a sr.ª Alvarado póde ver e acariciar: 18 filhos, 83 netos, 332 bisnetos, 7 tataranetos, e mais um a que os hespanhoes chamam *chozno*.

Total 441 descendentes!

Garibaldi. — Em Veneza liam-se, na noite do dia 21 do passado, alguns pasquins impressos que diziam: = «Dae a Cesar o que é de Cesar. — Viva Roma capital de Italia! — Viva Victor Manuel!»

No dia 22 encontraram-se na estação do caminho de ferro, fóra da porta Al Prato, varias caixas com direcção a Garibaldi, que continham unas 300 espingardas.

A colera. — Segundo a opinião de dois celebres medicos allemães, a colera é devida a infecção produzida por animalculos miscroscopicos que se desenvolvem mais ou menos rapidamente no corpo humano, segundo as condições da temperatura e do ar atmospherico.

Estes animalculos ou os seus germens podem existir por muito tempo sem que se desenvolvam; podem permanecer nos vestidos, na roupa da cama e nos diversos objectos que tenham pertencido aos colericos ou que hajam sido encontrados nas casas infectadas.

O frio impede, ou retarda pelo menos, a sua vivificação, e é facil demonstrar que, se tem acreditado em certos momentos, em que baixava a temperatura, n'um decrescimento do mal, o fogo na realidade ardia sempre debaixo da cinza, e a volta do bom tempo o fazia manifestar com mais violencia.

Os germens colericos, uma vez introduzidos no organismo, desenvolvem-se com rapidez tanto maior, quanto mais retardada tem sido a sua vivificação; e estendem-se em filamentos excessivamente numerosos, aos quaes os enfermos devem as terriveis caimbras, que acompanham a invasão colerica.

Longevidade. — Em Bragança existe na rua de D. Pedro V, freguezia de S. Victor, desta cidade, uma velhinha de 114 annos de idade, que posto se acha entrevada, está no pleno goso das suas faculdades intellectuaes, chegando a enfiar uma agulha com oculos.

E' deleitavel a conservação desta pobre velha, que diz recordar-se da primeira pedra que se lançou no Bom Jesus do Monte para os alicerces da egreja d'aquelle real sanctuario.

Destes restos illustres que viram nascer o sol no meiado do seculo passado poucos se contam no nosso tempo, hoje em que as edades são mais curtas e menos duraveis.

Um bom penitente. — Lê-se no *Noticiarista*, de Braga:

Certo confessor exhortava ha dias um devoto de S. Martinho, que se confessava do peccado da gula, dizendo-lhe que se não salvaria a sua alma se não disistisse de se exceder em comer e beber.

Passados instantes, perguntou-lhe o confessor:

— Sabes quantos são os inimigos da alma?

— São tres, padre — As azeitonas, as iscas de figado e o vinho!

Falsa mendiga. — (Idem): Falleceu em Macieira, uma mendiga que legou aos seus parentes 960$000 réis em cruzados novos! E acharam-lhe em casa mais de cincoenta lenços!

Quantos andarão por esse mundo em taes circunstancias extorquindo aquillo que de direito lhes não pertence?!

Para conhecimento dos nossos lavradores. — Conta um dos nossos jornaes que sendo lançada a agua de uns banhos sulphureos ao pé de uma grande laranjeira, que estava a definhar-se, esta reverdecera poucos dias depois, e que por este facto fôra salva.

Triste anniversario. — Fez na quarta-feira 38 annos, que na Praça Nova, do Porto, foram enforcados os srs. João Henriques Ferreira e Clemente de Moraes Sarmento, membros de duas distinctas familias d'esta cidade, e mancebos de 22 annos, victimas infaustas do seu amor á liberdade.

Perseguição. — Do Japão a noticia é assaz triste, diz o «Aquilão», jornal de Shanghai. Escrevem-nos de Nagasaki que a perseguição contra os christãos indigenas, reviveu agora com muita força, e que já foram presos 300 e mais christãos, sendo a maior parte dos descendentes dos que foram convertidos pelos nossos martyres. Esperamos comtudo, que os francezes que sempre teem sido zelosos defensores do catholicismo, farão o possivel para salvar todos aquelles infelizes das torturas a que estariam talvez destinados.

Luz. — A arvore de cebo da China, objecto de um grande commercio pelo norte daquelle imperio, foi já introduzida nas Indias. O producto desta arvore é bom para arder e dá uma chamma clara, brilhante e inodora.

Estrada d'Ilhavo. — Progride a olhos vistos a construcção desta nova estrada.

O lanço comprehendido entre esta cidade e o logar de Verdemilho está muito adiantado, andando já a abrirem-se as caixas para o empedramento.

O aterro proximo da ponte de S. Pedro, abateu quasi um metro, em razão do terreno ser pantanoso.

No lanço de Verdemilho á Lavandeira trabalha-se n'um aqueducto, e nos aterros e tesaterros.

Emigração. — E' grande a affluencia de gente, que vem todos os mezes a esta cidade tirar passaportes para o Brazil.

Concurso. — Estão abertos concurso para o provimento de logares de delegados de procurador regio.

A Previdente. — Contava esta sociedade de seguros mutuos sobre a vida, 4:166 subscripções até ao dia 5 do corrente na importancia de 5.755:731$000 rs.

Monumento a Camões. — Até que finalmente está paga a grande divida á memoria veneranda de Luiz de Camões, o principe dos poetas portuguezes.

A patria não devia deixar no olvido, aquelle que tanto a immortalisára com seu perigrino engenho, e a servíra com acrisolado valor.

Se os contemporaneos lhe foram ingratos, aos vindouros cumpria vingar a affronta, e eternisar-lhe o nome.

Aquella sentida pergunta de Almeida Garrett, cheia de indignação pelo esquecimento a que via votado o nome do desterrado de Macau,

— «Onde está, ó portuguezes, o moimento,
que do immortal cantôr as cinzas guarde?! —

teve a final uma resposta, e condigna á elevação do pensamento.

Foi tardia, é verdade, mas mais vale tarde do que nunca!

Agora as gerações por vir verão perpetuadas no marmore e no bronze a gratidão e enthusiasmo pelo auctor dos LUSIADAS, que, atravez os seculos, hão de sempre tornar immarcescivel a corôa de Camões.

Sal. — As salinas estão ainda a salgar com uma valentia, como se estivessemos em pleno estio. Por isto conserva o sal preço baixo.

Nortadas. — Nestes dias teem havido de tarde rijas nortadas.

A draga. — Consta que o sr. director das obras publicas recebêra ordem para remetter para o Porto a draga, que ha annos se emprega na limpeza da ria desta cidade, e que ultimamente tem estado na barra empregada na extracção das areias.

Conhecemos, que a draga faz muita despeza ao estado, e que desde muito pouco tem feito, mas é de sentir que ella seja removida, sendo ainda de tanta necessidade a sua permanencia aqui.

Estada. — Acha-se a banhos na concorrida praia d'espinho, sua eminencia o exm.º sr. Alves Martins, bispo de Vizeu.

O dia 9 d'outubro. — N'este dia, por ser de festa nacional, estiveram fechadas as repartições publicas, e hasteado o pavilhão real na casa d'alfandega.

A camara, divorciada do conhecimento das nossas glorias litterarias, e rebelde a toda a expansão de justo e devido enthusiasmo, não fez a mais pequena demonstração de regozijo, o que escandalisou seriamente os habitantes illustrados d'esta terra, que conhecem o quanto Portugal deve ao nosso primeiro épico.

Os que elegeram tal gente, devem estar contentes com a escolha, pois na verdade é digna de... compaixão!

Enganou-se. — Disse o nosso estimavel collega do *Diario de Noticias* que era escassa colheita do sal em Aveiro.

Pelo contrario é ella este anno extraordinaria, pois não nos recordamos de ver as marinhas a salgarem em outubro, e com a fortaleza com que estão.

Falta d'agua. — Ha annos que não lembra uma secca como a d'esta anno.

E' sensivel a falta d'agua nas fontes e nos poços, resentindo-se disto os pastos, e as hortaliças.

Os nabaes semeados estão maos. Uns ainda não nasceram, e outros que vieram ao decima da terra estão queimados e enfezados.

Exames. — Foram 26 os individuos examinados no lyceu desta cidade em instrucção primaria, para se poderem matricular na aula industrial, ficando todos approvados.

Consulta. — Já foi remettida do governo civil para o ministerio do reino a consulta do sr. governador civil, e mais documentos, relativos á divisão territorial deste districto.

Justiça de mouros! — Perguntâmos ao sr. inspector de pesos e medidas neste districto, quando tenciona restituir as multas, que ob e subrepticiamente impoz a alguns logistas pelo uso de pesos antigos; não tendo essas multas entrado no cofre da camara, nem sido satisfeitas por todos os infractores?!

Assim se engodam os commerciantes, sr. Silva?

* * *

Não estão contentes com ella! — Os *dillectantes* do theatro de S. Carlos não estão satisfeitos com a companhia lyrica escripturada para a presente época, tendo já dado manifestações de desagrado.

E' preciso confessar, que os *habitués* daquella casa teem muito boa bocca!

Pannos da Covilhã. — Entre os objectos de maior vulto expostos á venda na feira franca figuraram os pannos da Covilhã em primeiro logar. O valor por elles representado era de 240 contos de réis, vendendo-se 150 contos. De saragoças venderam-se 83 contos.

Já é.

A terra lhe seja leve. — Falleceu mr. Fould, antigo ministro das finanças.

Ainda touros. — Nos dias 24, 26 e 27 do corrente ha as primeiras corridas de touros na nova praça de Coimbra.

Gado vobino. — Em toda a parte tem embaratecido o gado bovino, porém a carne não tem abatido.

Cavalheiro de industria. — O francez, que se inculcou neste jornal para leccionar a lingua franceza e equitação, e que disse chamar-se Marsaú, é um *industrioso* que vive de trapaças e trapolinices, e de que ha serias apprehensões ácerca do seu passado.

Depois d'illudir algumas pessoas d'esta cidade, partiu para o Porto, com direcção a Braga.

Para que seja conhecido, e a sua astucia frustrada, diremos, que é alto, magro, e de bigode e pêra loura, e exiguamente vestido.

Diario popular. — Este bem redigido jornal appareceu na quarta feira muito melhorado. Vinha todo impresso com typo novo, e inseria bons artigos e poesias sobre o assumpto do dia, distribuindo tambem uma gravura da estatua pedestre de Camões.

Tornâmos á carga. — Insistimos para que a camara organise a nomenclatura das ruas,e a numeração das casas

Ridiculo! — Assim como a camara do sr. M. F. ainda na obra mais mesquinha e insignificante manda esculpir em grandes caracteres as letras — C. M. — com a data do anno, tambem a mesa da Santa Casa da Misericordia, entendeu dever perpetuar a sua administração, ordenando que no centro da empena do frontispicio da egreja fosse marcada com lettras garrafaes, *ad perpetuam rei memoriam*, a era de 1867!!!

Simile similibus! **

S. Thomaz d'Aquino. — Como dissemos o numero passado, festeja-se depois d'amanhã, na sua capellinha sita nas Agras, hoje propriedade do sr. Mendes Leite, o S. Thomaz d'Aquino — lavendo de manhã, depois de ser benzida a capella, missa cantada, e as mais ceremonias do costume; e de tarde — Ladainha e sermão, sendo orador o rd.º sr. Viriato de Sousa Marques.

Haverá arraial.

Esta festa é feita a expensas de algumas pessoas devotas, que teem sido incansaveis no arranjo da dita capella, que ha muitos annos tem estado vedada aos fieis.

O aprazivel sitio em que está edificada esta capella, convida a ir fazer uma visita ao Santinho e estamos certos que á romaria não faltarão as donairosas tricaninhas de quem elle é patrono, para tornarem a digressão ali attrahente, e vistosa.

Solemnidade. — Festeja-se domingo, na egreja do extincto convento de Santo Antonio, Nossa Senhora das Dôres, com missa solemne acompanhada pela excellente orchestra, composta dos socios da philarmonica = Amisade = e sermão pelo conhecido orador, o rd.º sr. Manuel Rodrigues.

De tarde além da Ladainha, tambem haverá sermão.

Esta festividade feita a expensas de piedosos devotos é sempre muito brilhante e concorrida.

De madrugada ha missa, com musica.

Outra. — Em S. Bernardo tambem se solemnisa pomposamente com missa e sermão de manhã e de tarde, o Sagrado Coração de Maria.

Era de prevêr. — Não houve licitante ás linhas ferreas de sueste.

Estada. — Tem estado no Porto o sr. Rios e Rosas, ex-presidente do senado hespanhol, e conhecido orador.

Na volta daquella cidade, espera-se que aqui se demore alguns dias.

Visita á exposição. — Partem no domingo com direcção a Paris os ex.mos viscondes d'Almeidinha, tendo demora d'alguns dias em Hespanha.

E' breve a sua viagem recreativa ao estrangeiro.

Noticias politicas. — No dizer do *Diario Popular* é confirmada a noticia do sr. duque de Loulé se achar em guerra aberta com o ministerio, manifestando s. ex.ª o seu desagrado contra os actos do governo, não pedindo segredo a tal respeito, antes a maxima publicidade, do que conclue aquella folha, que não havendo mudança n'este passo decisivo do sr. duque, o miuisterio pouca duração poderá ter.

Vêmos n'isto o — *Quod volumus, facile credimus!*

O mesmo jornal menciona o boato de que vão ser demittidas as camaras municipaes do continente e ilhas, não garantindo, porém, a noticia, nem lhe dando credito.

Mas, a ser verdadeira, olhem o que ahi iria de barata a... *beiça!...*

Andava de rastos.

Correio da Capital

(Do nosso correspondente)

Lisboa, 10 de outubro

A collocação ou não collocação do sr. duque de Loulé á frente da opposição continúa a ser o objecto de todas as conversações politicas em Lisboa, e uma circumstancia importante veio chamar nos ultimos dias ainda mais a attenção sobre este ponto. Como é sabido os industriaes, artistas e operarios, celebraram uma grande reunião nas salas do «Gremio Industrial» para approvarem um requerimento em que se pedia ao governo que não celebrasse o tratado, já annunciado, com a Prussia, ou com outra qualquer potencia, sem primeiro ter procedido aos estudos prévios sobre o estado da nossa industria. Este requerimento foi approvado, e a commissão para lhe dar mais força, intendeu que o devia entregar ao sr. duque de Loulé, e principia aqui a parte politica da acção.

Uma commissão de 21 membros, presidida pelo sr. José Maria Chaves, um dos mais intelligentes operarios de Lisboa, e de que tambem fazia parte o sr. Antonio Nunes, fabricante de muita popularidade, e homem de não pequena valia entre o grupo historico, procurou o sr. duque de Loulé para lhe entregar o requerimento, e expor-lhe os receios da classe operaria. Esta commissão foi recebida pelo sr. duque domingo ultimo.

Toda a gente da opposição diz que o duque se mostrára pouco satisfeito com a marcha dos negocios publicos, e que promettêra advogar os interesses das classes operarias, e que déra claros indicios de que não estava nas melhores relações com a situação. Foi quasi, ou n'este sentido, que tambem escreveram os correspondentes em Lisboa dos diversas folhas da opposição, e o que ainda hoje confirma o *Diario de Noticias*, a mais bem informada folha que se publica na capital, e que por isso gosa dos creditos, que todos são unanimes em confessar.

O correspondente, porém, do *Commercio do Porto*, que não é menos bem informado, narra o facto por modo que d'elle se não póde tirar nem vislumbre das conclusões que as folhas da opposição estabeleceram.

Ahi vae fielmente transcripto o que diz o nosso digno collega do *Commercio do Porto*, na sua qualidade de correspondente da capital:

« Uma commissão de artistas prezidida pelo sr. Chaves, o decano dos serralheiros, foi hontem procurar o sr. duque de Loulé, que a recebeu e a tratou com a sua proverbial lhaneza e affabilidade.

« Disse o sr. Chaves, que aquella commissão ía apresentar a s. ex.ª uma exposição dos aggravos, que a classe operaria tem recebido do actual governo; que precisando essa classe de um apoio forte, se tinha lembrado do homem mais popular do paiz; que s. ex.ª era esse homem, pois tinha sempre dado todas provas de sincera dedicação pelas classes operarias, e pela sua influencia podia fazer reparar os prejuizos, que os industriaes têem soffrido ultimamente; que os operarios estavam dispostos a não sair de campo legal; que aquella commissão reprovará toda e qualquer manifestação contraria á boa ordem e ás leis vingentes, e que confiando plenamente no sr. duque, erparava que s. ex.ª não lhe recusasse a sua coadjuvação.

« Leu o sr. duque a exposição efinda a leitura disse, *que em muitas das queixas, queencontrava n'aquelle papel, npo via razão da parte da classe industrial*, mas que em outra assistia lhe justiça, e que como membro do parlamento, e dentro dos limites, que marca a constituição do estado, empregaria toda a sua influencia para conjurar as perigos e prejuizos de que aquella classe se arreceava; que com prazer via que os operarios queriam a boa ordem, e estavam dispostos a não affrontar a lei; que approvava esse procedimento, por que elle mostrava a illustração e cordura dos homens do trabalho; que as revoluções eram necessarias, quando a liberdade se achava em perigo, ou quando os povos pretendiam conquistal-a, mas que, não se dando felizmente, na actualidade neuhum d'esses casos, qualquer revolução ou pronunciamento popular seria uma grande calamidade para o paiz; e que estando garantidas todas as regalias constitucionaes, os cidadãos tinham os necessarios e precisos meios para fazerem valer a justiça que lhes assiste, sem empregarem os meios extremos

« Com esta resposta terminou a conferencia, sahindo os operarios muito satisfeitos e muito agradecidos, pelo excellente acolhimento que o sr. duque lhes fez.»

Se effectivamente é verdadeira a narrativa que exposta fica, não vêmos ahi coisa alguma que possa auctorisar a ideia de que o sr. duque de Loulé se vae separar da situação; não obstante, isto é geralmente acreditado.

E' muito possivel que tornâmos a vêr annunciada alguma interpellação a fingir que se incommoda o governo.

Ha, porém, ainda outras noticias politicas, não sabemos com que auctoridade espalhadas, nem em que fundamento baseadas. Diz-se, por exemplo, que um grupo de homens da opposição, entre os quaes figuram alguns bastante dinheirosos, outros de não vulgar talento, e alguns de espantosa actividade, despersuadidos de que o sr. duque de Loulé queira acceitar o commando da opposição, ou que mesmo quando o queira fazer, seja isso muito tarde tem procurado um homem que impanhe bastante auctoridade, o que significa dizer, involve grande prestigio, para lhe entregar o generalato.

N'este empenho accrescenta-se que esses homens se lembraram do sr. duque de Saldanha, e mais se diz ainda que effectivamente se enviaram sollicitações ao nobre ancião n'este sentido.

Nós dâmos as noticias como se contam, sem lhe augmentarmos um apice na importancia que possam ter.

Hontem foram vistos a conversar por algum tempo no pavilhão real, depois da inauguração da estatua de Camões, os srs. duque de Loulé e Sampayo. Aquelles que em tudo vêem um mysterio politico, principiaram a fazer d'isso motivo para calculos tambem politicos. Nós só vimos n'isto um acto bem simples, provavelmente estranho de todo á politica, e só confirmando o que muitos sabem, mas que acintemente procuram occultar, de que o sr. duque de Loulé tem na mais alta consideração os superiores dotes politicos do primeiro jornalista portuguez, o sr. Antonio Rodrigues de Sampayo

Alguns dos redactores do antigo periodico a *Opinião*, dizem não saber cousa alguma com relação á sua entrada na nova folha que se annuucia como proxima a publicar-se.

Deixemos porém a politica e vamos fallar rapidamente da grande festa de hontem em que tomou parte o paiz inteiro, representado na capital.

Desde muito cedo que a praça de Luiz de Camões e todas as suas ruas affluentes estavám cheias de uma multidão enorme. A's tres horas principiaram a affluir á praça para tomarem logar na tribuna e recintos reservados os ministros de estado, os membros do corpo diplomatico, pares do reino e deputados, os representantes das municipalidades de Lisboa, Porto, Coimbra e outras cidades, as corporações scientificas, os representantes das associações litterarias, economicas, artisticas, operarias e de educação popular, e finalmente todas as pessoas que para aquelle acto haviam sido convidadas pela commissão central do monumento.

A's quatro horas precisas compareceram El-Rei D. Luiz I, seu augusto pae, e o infante D. Augusto. S. M. a Rainha não pôde comparecer. Em seguida encaminhou-se o prestito para junto do monumento e ahi o commendador Francisco de Paula Sant'Yago, vice-presidente da commissão, leu uma allocução a El-Rei, a que S. M. se dignou benevolamente responder.

Depois foram entregues os cordões da cortina que velava a estatua ao presidente do conselho de ministros Joaquim Antonio de Aguiar, e ao presidente da camara municipal de Lisboa, os quaes os passaram a El-Rei D. Luiz e El-Rei D. Fernando. Imediatamente a estatua foi desvendada, e o bello monumento patente ás vistas ambiciosas da multidão, que admirou a perfeição do trabalho não só do grande vulto epico, mas como dos oito personagens que lhe fazem côrte. A multidão descoberta rompeu n'um unisono viva d'alegria, ouvindo-se até palmas que rebentavam das janellas, ornadas por gentis damas.

As bandas marciaes sob a inspirada *batuta* do distincto professor Cossul tocaram a marcha que elle expressamente fizera para este acto, e uma grande parte das mesmas bandas tocaram depois a outra marcha, que com egual fim compuzera o sr. Arthur Reinhard.

SS. MM. AA. sahiram depois da praça e dirigiram-se ao palacio, e as tropas recolheram-se a quarteis.

A praça e as suas immediações, continuou invadida por povo até altas horas da noite, tocando nos pavilhões duas excellentes philarmonicas populares de Lisboa, a dos *Alumnos de Minerva*, e a da Fabrica de Chapeus do sr. Roxo. A praça estava brilhantemente illuminada, tremulando as bandeiras nacionaes nos mastros que a circumdavam e que eram intercalados por outros postes sicilianos em que bizarramente se agitavam os galhardetes, que tão bello effeito fazem nestas funcções.

Foi mandada collocar na casa n.º 139 e 141 da calçada de Sant'Anna, em que, segundo a tradição, falleceu Luiz de Camões, uma lapide, com a seguinte inscripção: — *N'esta casa, segundo a tradição documental, falleceu em 10 de junho de 1550, Luiz de Camões.*

A lapide acha-se collocada na frente, entre as janellas do primeiro andar.

Esta obra foi feita a expensas do proprietario do dito predio, o sr. Manuel José Correia, acto, sem duvida patriotico, que merece os elogios de toda a imprensa.

* * *

Commercio

Aveiro, 10 de outubro

Trigo gallego	900	réis
Tremez	800	»
Feijão branco	400	»
Dito vermelho	420	»
Larangeiro	440	»
Farinha (o alqueire)	480	»
Milho	400	»
Centeio	540	»
Cevada	360	»
Batatas	340	»
Vinho (o almude)	1$500	»
Azeite (o almude)	4$500	»
Sal o moio de razas	1$500	»

BARRA DE AVEIRO

EMBARCAÇÕES ENTRADAS EM 9 DE OUTUBRO DE 1867

PORTO. — Hiate «Cruz 1.º», M. F. Pinto; vazio.

IDEM — Hiate «Estrella do Dia»; m. A. A. Laborinho; vazio.

ENTRADAS EM 10

SWANSEA. — Hiate «Victor Manoel», m. L. S. Salgado; carvão.

PORTO. — Hiate «Novo Viajante», M. P. Santos; lastro.

IDEM. — Hiate «Nova União», m. L. Christino; vazio.

Annuncios

Pelo cartorio do escrivão Nogueira, na execução que a fazenda nacional move a José Maria dos Santos Freire, desta cidade, se ha de arrematar no dia 27 do corrente mez uma casa terrea, sita na rua de Sá, que por bem conhecida se não confronta, avaliada em 38$400 rs. onde o mesmo executado trabalha como fogueteiro. (134)

LEILÃO

No dia 20 do corrente pelas 10 horas da manhã, se ha de vender em leilão, e entregar a quem mais der, se convier, uma casa sita na praça do peixe, pertencente á viuva de Agostinho Migueis Picado. (135)

AGENCIA

DO

CLERO E PROFESSORADO

DE

FONSECA & SALLES

Rua dos Fanqueiaos, 207, 2.º

Promove com a maior solicitude o andamento e resolução de todos os negocios dependentes da Santa Sé, Nunciatura Apostolica, das Camaras Ecclesiasticas, Secretaria de Estado, Tribunaes, Camaras Municipaes, Cartorios de todas as freguezias do reino, etc., a troco de uma remuneração modica, muito inferior á que costuma arbitrar-se para os outros estabelecimentos desta natureza.

O escriptorio está aberto desde as 9 horas da manhã até ás 3 da tarde.

E' representante desta agencia em Aveiro — **F. V. B de Magalhães.**

A 150 RS.

VENDE-SE stearina de 4, 5 e 6 vellas em cada pacote na loja de A. Pinheiro & C.ª — rua dos Mercardoes:

Paris Boulevart 125, Magenta. — GOPAHINE MÉGE — Ph. Français 4, Rue Vivienne — A Londres chez JOZEAU — DEPUTÉ DES HÔPITAUX DE PARIS — DE FRANCE ET DE L'ETRANGER

G. JOZEAU, FARMACEUTICO

125, boulevard Magenta, em PARIS.

Este medicamento, que mereceu os elogios da Academia Imperial de Medicina de Paris, em 1840, a recommendação dos medicos especiaes de PARIS e de LONDRES, hé desde mais de 26 annos, o tratamento o **mais facil e agradavel** de todas as molestias contagiosas. Os doentes tomão-o sem **repugnancia** e achão-se **segurados** contrã toda volta da molestia.—A firma e a marca de Fabrica podem-só garantil-ô das imitações fraudulentas. Acha-se em todas as Pharmacias do Universo.

Livraria

DE

João da S. Mello Guimarães

Reu Direita

Aveiro

Almanak de lembranças «luso braziciro», para o anno de 1868 1 vol preço embroxura 240 cartonado 300.

A «Doida do Candal», romance porCamillo Castello Branco 1 vol.preço 500.

Uma «Primavera de Mulher», poema em 4 cantos, por D. Maria Amalia Vaz do Carvalho 1 vol. preço 700.

A «Sociedade e a Familia», por Henirque Moreira 1 vol. preço 600.

SABONETES

DE

ALCATRÃO

Estes excellentess abonetes, que tanta procura tem tido pelas suas applicações medicinaes, continúam-se a vender na antiga loja de A. Pinheiro & C.ª — debaixo dos Balcões n.º 13

CERVEJA INGLEEZA

BOSS

VENDE-SE na rua dos Mercadores — loja de A. Pinheiro e C.ª

O PANORAMA

Publicou-se o 41.º numero do 2.º volume da 5.ª serie, contendo varios artigos e adornado com duas gravuras, a 1.ª, Retirada da festa do Senhor Jesus da Serra, a 2.ª Tombuctu.

A UNIÃO

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS DE TODAS AS ESPECIES.

O progressivo desenvolvimento que se manifesta nos seguros de fogo effectuados em todo o paiz por esta vasta Companhia, prova exuberantemente quanto todos se vão convencendo de que nas companhias de seguros se encontra uma verdadeira garantia contra o risco do fogo, cujos funestissimos estragos tantas vezes tem reduzido á miseria familias que antes viviam na opulencia ou remediadas. Por isso quem haverá que mediante uma insignificantissima quantia, paga annualmente, não queira segurar ás suas propriedades, pondo-as deste modo ao abrigo do risco do terrivel e distruidor elemento? Só por negligencia deixarão de o fazer as pessoas que ignorem o modo simples de effectuar taes seguros, maximo, pela percentagem diminuta que se paga na Companhia União, percentagem incomparavelmente menor do que em qualquer outra companhia.

Quem desejar effectuar qualquer seguro se dirigirá ao agente nesta cidade, **João da Silva Mello Guimarães,** que se prestará a dar todos os esclarecimentos que sejam pedidos.

Esta Companhia toma tambem seguros maritimos e fluviaes, com condicções muito favoraveis, e administra a grande Companhia O PORVIR DAS FAMILIAS, que se tem avantajado nos seguros de supervivencias mutuas, pelos resultados que tem auferido os seus socios.

Toma seguros de vida, para o caso de morte, e tambem de supervivencia, dose, pensões, annualidades, etc., a premio fixo.

PILULAS E UNGUENTO HOLLOWAY

PILULAS DE HOLLOWAY

Este remedio é universalmente reconhecio como o mais efficaz que se conhece no mundo. Não ha senão uma causa universal de todas as doenças, isto é impureza do sangue, que é a fonte da vida. Esta impureza depressa as rectifica com o uso das Pilulas de Helloway, as quaes, obrando como depuradores do estomago e intestinos, por meio das suas propriedades balsamicas, purificado o sangue, dão tom e energia nervosculos, e enrijam todo o systema.

Ellas excedem qualquer outro remedio em regular a digestão. Operam da maneira a mais sadia e effectiva sobre o figado e rins, regulam as secreções, fortificam o systema nervoso, e enrijam todo o corpo humano. Mesmo aquellas pessoas da mais delicada constituição podem, sem receio, experimentar os seus effeitos salutares e corroborantes regulando as dóses conforme ás instrucções que se encontram nos livrinhos impressos em que cada caixa está enrolada.

UNGUENTO DE HOLLOWAY

A sciencia da medicina não produziu, até hoje, remedio algum que possa ser comparado a este maravilhoso Unguento, que se assimelha tanto ao sangue que, na verdade, fórma parte d'elle, e, circulando com aquelle fluido vital, expelle toda a materia impura, e limpa todas as partes affectadas, e cura qualquer sorte de chagas e ulceras.

Este bem conhecido Unguento é infallivel na cura da Escrofula, Cancros, Tumores, Pernas chaguentas, Rigidez das Articulações, Rheumatismo, Gota, Nevralgia, Tic-doloroso, e Paralysia.

Amplas instrucções na lingua Portugueza vão juntas á capa, pote e caixa

Acham-se á venda, em caixas e potes, nas principaes boticas de todo o mundo, e na loja do Proprietario, o professor Holloway, n.º 244, Strand, Londres.

A' venda na casa da sr.ª Viuva Barreto — rua do Loreto — n.os 28 a 30 — Lisboa

Responsavel — M. A. L. DE MESQUITA. — *Typ. do* **Districto de Aveiro**